
“O NEGRINHO DO PASTOREIO”: MITO, LITERATURA, RELIGIOSIDADE

*Germán Varela**

Resumo: Sentido religioso e identidade gaúcha na lenda “O negrinho do pastoreio”, de Simões Lopes Neto. Motivações pessoais, históricas e arquetípicas na re-criação literária da lenda por SLN. O mito e as inovações introduzidas nele pelo autor. O motivo de Nossa Senhora. Análise do relato: estrutura narrativa e configuração verbal. Conclusão: perda e esperança. O sentido religioso do relato, a busca do sentido da vida e a identidade gaúcha.

Palavras-chave: Mito; lenda e literatura; escravidão; Nossa Senhora; sentido religioso da existência; identidade gaúcha.

2006 marcou o centenário da primeira publicação no jornal pelotense “Correio Mercantil” do texto talvez mais difundido de Simões Lopes Neto (1865–1916): “**O negrinho do pastoreio**” incluído, posteriormente, na primeira edição das “Lendas do Sul” (1913). Parece-nos que a relevância estética do texto, assim como sua significação histórica, cultural e espiritual, justificam uma nova aproximação a ele, que tentaremos nas páginas que seguem.

O relato de Simões Lopes Neto é uma tentativa de resgate, através da literatura, de uma tradição oral anônima e popular prestes a perder-se; intenção que, certamente, inspira boa parte da produção narrativa do escritor pelotense. Autorizadas opiniões, como a de Augusto Meyer, assim o ratificam : “*A lenda do Negrinho do Pastoreio é genuinamente rio-grandense: nascida no estrume da escravidão e refletindo o meio pastoril em que se formou, respira a mesma religiosidade que anda associada aos outros casos de escravos considerados “mártires”, em forma de*

* Padre. Orientador espiritual, integrante da Instituição Dalmanutá (Serviço de Direção Espiritual). Professor no Instituto Superior de Filosofia e no Instituto de Teologia Paulo VI da Universidade Católica de Pelotas.

devoção agreste". . . "De algum fato impressionante, marcado a *terror e piedade* na lembrança dos campeiros, nasceu e cresceu *aquele espanto diante da crueldade humana* que observamos na lenda, misturado a um *desejo de compensação e desfôrço que devia necessariamente vazar-se em vaga forma religiosa.*" ("Nota sobre 'Lendas do Sul', em J.Simões Lopes Neto: "Contos Gauchescos e Lendas do Sul", Editora Globo, 1957, págs. 267 - 268)

Coincidentemente, Alcides Maia observa: "**A lenda do Negrinho do Pastoreio 'originou-se por piedade e como desafronta e castigo, nos sofrimentos da escravidão'**. Ela é de fundo essencialmente cristão. Todos os intérpretes e folcloristas assim a compreenderam". . . "Quando Simões Lopes a estilizou com aquele grande sopro de poesia que é só dele, **não foi infiel em detalhe senão para acentuar ainda mais o seu cunho crioulo e o seu profundo sentido religioso**" (op. cit., idem, pág.268).

Tais opiniões, assim como o impacto que ainda hoje suscita a leitura da lenda, suscitam espontaneamente esta pergunta: que motivações levaram SLN a re-elaborar literariamente, mais uma vez, este mito que já conhecia várias versões literárias precedentes?

Em relação a esta questão, várias são as respostas possíveis.

a) Em primeiro lugar, **o resgate das raízes histórico-culturais gaúchas** que permeia toda a produção de SLN. É verdade que esta lenda, com seu in-dissimulado ar mítico, evoca um período da realidade regional anterior ao frequentado por outras narrações do autor, como já o sugerem as primeiras palavras do texto: "**Naquele tempo os campos ainda eram abertos, não havia entre eles nem divisas nem cercas; somente nas volteadas se apanhava a gadaria xucra e os veados e as avestruzes corriam sem empecilhos. . .**". Esta remissão a tempos tão longínquos e primigênicos, essa conaturalidade com o mito que impregna todo o relato evidenciam que SLN sabia, por espontânea intuição, que por baixo e por trás do acontecer histórico visível, transitam ocultas correntes subterrâneas que unicamente a linguagem do mito é capaz de fazer emergir. Uma intuição deste tipo lhe conduziu até a lenda do Negrinho do pastoreio e lhe incentivou a dar-lhe nova expressão literária.

b) Poderiam aduzir-se, também, **motivações biográfico-pessoais**. Tendo passado parte da sua infância na Estância da Graça, em contato com peões e descendentes de escravos, SLN sensibilizou-se não somente perante os espetáculos da natureza que com tanta energia evoca nas suas narrações, senão também com o destino de aqueles seres com quem compartilharia demoradas recorridas pelos campos nativos. Nada obriga a excluir a hipótese

de que tenha escutado também a lenda, diretamente, de lábios de aqueles.

c) No fascínio que sobre o autor exerceu a lenda, poderíamos intuir também -como se insinua nas considerações de Augusto Meyer e de Alcides Maia-, a **necessidade profunda de uma reivindicação compensatória** de aquela etnia que tinha contribuído com o seu sacrifício e esforço para a riqueza e prosperidade da estância do seu bis-avô, o Visconde da Graça, na qual transcorreria, como já apontamos, parte da sua infância. Inclusive admitindo o testemunho oferecido por uma de suas descendentes, a escritora Hilda Simões Lopes, -no sentido de que o Visconde da Graça era sumamente considerado no trato com os seus escravos, até o ponto de que todos eles ficaram por opção própria trabalhando com ele quando se proclamou a emancipação-; -ou talvez em razão destas mesmas atitudes, que teriam estimulado em SLN uma sensibilidade especial a respeito do meio e dos seus povoadores-: tudo isto, em fim, pode ter suscitado nele espontaneamente **a necessidade de uma espécie de “exorcismo” dos “espectros” do passado**, que emergiriam ao contato com os descendentes dos antigos escravos.

d) Mas, para além destas e de outras razões -e sem desconhecê-las-, as peculiares características temáticas e estilísticas do texto revelam **uma raiz arquetípica**, transcendente às mesmas intenções explícitas do autor e às próprias características histórico-culturais da região em que nasceu. Tratar-se-ia, em nossa opinião, de uma experiência transcendente e fundacional, cuja índole peculiar exigia a expressão mítica como única forma adequada de transmitir uma vivência.

Neste sentido, podem resultar-nos ilustrativas algumas considerações do psicólogo suíço C. G. Jung num artigo sobre “Psicologia e poesia” incluído no seu livro: “O espírito na arte e na ciência”. Diferenciando dois modos diferentes de criação artística distingue o modo de criação “psicológico ou pessoal” do “arquetípico ou visionário”. Enquanto o primeiro provém do âmbito consciente e expressa vivências identificáveis a nível explícito, o segundo mergulha em estratos mais profundos, trazendo à tona vivências e situações provenientes de níveis inconscientes da psique individual ou coletiva. Diz Jung: “A essência da obra de arte não é constituída pelas particularidades pessoais que pesam sobre ela” . . . “Para compreender seu sentido, e preciso permitir que ela nos modele, do mesmo modo que modelou o poeta. Compreenderemos então qual foi a **vivência originária** deste último. Ele **tocou as regiões profundas da**

alma...”. “Deste modo, as necessidades anímicas de um povo são satisfeitas na obra do poeta e por este motivo ela significa verdadeiramente para seu autor, saiba ele ou não, mais do que seu próprio destino pessoal”. . . “O mais importante, porém, especialmente para a crítica literária, é o fato de as manifestações do inconsciente coletivo possuírem um **caráter compensatório em relação à situação consciente**” . . . “Todas as épocas têm sua unilateralidade, seus preconceitos e males psíquicos. Cada época pode ser comparada à alma de um indivíduo: apresenta uma situação consciente específica e restrita, necessitando por esse motivo de uma compensação. O inconsciente coletivo pode proporcionar-lhe tal instrumento, mediante um poeta ou um visionário, quando este exprime o inexprimível de uma época, ou quando suscita pela imagem ou pela ação o que a necessidade negligenciada de todos está almejando. . .” . “Sempre que o inconsciente coletivo se encarna na vivência e se casa com *a consciência da época* ocorre um ato criador que concerne a toda a época; a obra é, então, no sentido mais profundo, **uma mensagem dirigida a todos os contemporâneos**” (o.cit., Editora Vozes, 1987, págs. 78-93)

Poderíamos perguntar-nos, talvez, em que medida estas considerações seriam aplicáveis à lenda do Negrinho do pastoreio. Se identificarmos a temática do relato de SLN unicamente como a evocação da escravidão no Rio Grande do Sul, poderíamos alegar que essa situação é bem conhecida para nós historicamente. Mas o que acontece é que, tendo como pressuposto e pano de fundo essa situação histórica, **a vivência originária** do escritor -que revive em nós pela leitura-, **aponta muito mais a registrar o impacto emocional e existencial que a toma de consciência daquela situação supõe, do que a registrar a existência de um fato histórico já conhecido.**

Seria este o caso do “Negrinho do pastoreio” e do contexto histórico em que surgiu? No momento em que a lenda é publicada, em 1906, a abolição da escravidão contava apenas 18 anos. A cidade de Pelotas se orgulhava de ter sido pioneira quanto ao abolicionismo. Facilmente poderia, pois, em função disso mesmo, cair no esquecimento o sofrimento secular dos escravos, que distava muito, no entanto, de ter sido plenamente superado, pois permanecia a discriminação e marginalização social sobre eles. Neste contexto, um escritor de raízes familiares aristocráticas, mas ao mesmo tempo de ideais filantrópicos e de sensibilidade atenta, sentiu-se impulsionado a dar nova expressão literária ao mito.

Em conclusão, poderíamos dizer que **mais do que ir Simões Lopes Neto ao encontro do mito, o mito veio ao encontro de Simões Lopes Neto**. O perigo de unilateralização da consciência da época, que tenderia a relegar no olvido uma dolorosa experiência coletiva, atingiu ao autor e lhe impulsionou a re-criar a lenda na sua literatura.

O caráter mítico da lenda

Reiteradamente temo-nos referido à lenda do Negrinho do pastoreio como um **mito** –“o **único mito de raiz genuinamente rio-grandense**”, segundo o próprio autor e os seus intérpretes consignaram-. Detenhamo-nos um pouco a considerá-la sob este ângulo, pois ele diz relação com a sua forma literária e com a sua mensagem.

Começemos por dizer que a prolongada transmissão oral da lenda, antes das suas versões escritas, assim como sua significação enquanto expressão de um aspecto importante da história gaúcha, constituem, por si mesmas, um primeiro indício de sua natureza mítica. Também a localização espaço-temporal do relato desde seu início (“*Naquele tempo os campos ainda eram abertos...*” “*Era uma vez um estancieiro...*”) evidencia essa índole mítica.

Mircea Eliade, -talvez a maior autoridade contemporânea no assunto- precisando um pouco mais a natureza específica do mito, afirma: “*Todo mito, independentemente da sua natureza, enuncia um acontecimento que teve lugar in illo tempore e constitui, por este fato, um precedente exemplar para todas as ações e ‘situações’ que, depois, repetirão este acontecimento*”. . . “*uma história exemplar do grupo humano que os conservou e do cosmos deste grupo humano*” (“Tratado de História das Religiões”; citado em “O poder do mito”, Martin Claret, s/d, págs. 27 e 28).

“*O pensar mítico entendido deste modo não é já competitivo com o pensar histórico. A historiografia e o mito são dois modos de relacionar-se com o real, diversos e não homologáveis. Como foi visto, no mito, a realidade ‘histórica’ revive na exemplaridade de um drama simbólico que põe em relevo sua perene atualidade e eficácia no tempo*”. . . “*Como ação sagrada, está estreitamente vinculado ao rito e se caracteriza como fora do tempo e sem tempo; re-introduzido no tempo, converte-se em ‘saga’; quando funda um culto, converte-se em ‘lenda cultural’; quando decide a salvação do ouvinte, converte-se*

em *'discurso sagrado'* ” (Pe. Flávio Martinez de Oliveira “Bíblia, mito, ciência e literatura” (Educat, Pelotas,1998. pág. 35). (Lembremos, a respeito disto, como no desfecho do relato de SLN se explicita o surgimento do **ritual** de acendido da vela e o **recurso à intercessão** do Negrinho quando se extravia um objeto).

Admitido o caráter mítico da lenda, cabe-nos agora considerar como se deu a transição do relato tradicional para a forma literária em SLN.

Inovações de Simões Lopes Neto no relato tradicional

O primeiro fato a salientar na configuração literária que SLN dá à lenda é que esta já existia, antes dele, na tradição oral popular; e que existiam também pelo menos três versões literárias publicadas e largamente conhecidas quando SLN publica seu relato no Correio Mercantil. Estes fatos permitem avaliar a importância das modificações que SLN introduz no relato tradicional. São, fundamentalmente, três (por ordem de aparição): 1) o **“menino mau”**, filho do estancieiro; 2) **a corrida**; e 3) **a presença de Nossa Senhora**. As três inovações incidem de forma significativa no desenvolvimento da ação: o filho do estancieiro é responsável, em boa medida, dos castigos que sofre o Negrinho; a carreira será a ocasião dos castigos que derivarão na sua morte; e o motivo de Nossa Senhora -além de acompanhar toda a trajetória do Negrinho-, introduz, no desfecho da narração, a mudança no destino do protagonista.

Dos três motivos, o que tem um significado maior e incide de forma mais decisiva na estruturação narrativa é, sem dúvida, o motivo de Nossa Senhora. Teremos ocasião de mostrar isto com maior precisão na análise do texto; mas podemos salientar, desde já, essa presença da Mãe de Deus como um dos traços que conferem à versão de SLN esse profundo sentido religioso que já os primeiros comentaristas perceberam no texto.

Estrutura narrativa e configuração verbal na versão de SLN

O próprio SLN dividiu externamente o texto, por meio de asteriscos, em 9 partes diferenciadas que poderíamos denominar-se assim: I) Contexto e personagens; II) A carreira; III) Primeiro castigo do Negrinho e perda da tropilha; IV) Segundo castigo; recurso a Nossa Senhora; achado e nova perda da tropilha; V)

Terceiro castigo, sonho do estancieiro e passagem do tempo; VI) Visão do Negrinho, da Virgem Nossa Senhora e achado da tropilha; VII) Notícia da reaparição do Negrinho e sua função intercessora; VIII) Repetição cíclica da desapareição e reaparição do Negrinho; IX) Se espalha a lenda; presença do Negrinho nos campos e intercessão.

O quê cada um destes momentos da narração aporta ao significado e à configuração verbal da lenda?. Consideremo-lo de maneira mais precisa.

I) Contexto e personagens

Como já indicamos, o texto adota desde suas primeiras linhas, o estilo e a linguagem típicas do relato mítico: “*Naquele tempo os campos ainda eram abertos, não havia entre eles nem divisas nem cercas*”, Somos situados pois, desde o início, em *illegitimo tempore*, num contexto auroral e paradisíaco (ao menos, no que se refere à natureza).

Também a caracterização dos personagens é sumária e esquemática, não por falência do narrador, senão por constituir um traço típico dos relatos de tradição oral: “*Era uma vez um estancieiro que tinha uma ponta de surrões cheios de onças e meias-doblas e mais muita prataria; porém era muito cavila e muito mau, muito*”. O retrato se completa através de uma série de asseverações negativas que são a antítese das características atribuídas ao tipo ideal do “gaúcho”, tal como SLN as sintetiza, p. ex, nos “Artigos de fé do gaúcho”: “*Não dava posada a ninguém, não emprestava um cavalo a um andante; no inverno, o fogo da sua casa não fazia brasas; as geadas e o minuano podiam entanguir gente que a sua porta não se abria; no verão, a sombra dos seus umbus só abrigava os cachorros; e ninguém de fora bebia água das suas cacimbas*”. A resposta do entorno social a estas atitudes, ratifica a in-solidariedade e insularidade em que se encontra o personagem: “*Mas também, quando tinha serviço na estância, ninguém vinha de vontade dar-lhe um auxílio*”.

Por sua vez, a caracterização do Negrinho se faz, inicialmente, desde a peculiar hierarquia valorativa do estancieiro: primeiro é mencionado seu filho -“*menino cargoso como uma mosca*”, anota o autor-; depois, “*o baio cabos negros que era seu parceiro de confiança*”; e só em terceiro e último lugar se menciona ao Negrinho, descrevendo-o assim: “*um escravo, pequeno ainda, muito bonitinho e preto como carvão e a quem*

todos chamavam somente o Negrinho. A este não deram padrinhos nem nome; por isso o Negrinho se dizia afilhado da Virgem, Senhora Nossa, que é a madrinha de quem não a tem". A orfandade pessoal e social do Negrinho se compensa, pois, através de um vínculo religioso.

II) A corrida

Este segundo motivo introduzido na versão tradicional da lenda por SLN, além de desempenhar um papel importante na seqüência narrativa -a derrota na competição será a origem dos castigos sofridos pelo Negrinho- evidencia o caráter cindido do contexto social em que se desenvolve a história, contrapondo duas visões de mundo: o estancieiro aceita o desafio apresentado por um vizinho, quem propõe que a "parada" -a quantia apostada- seja para os pobres; no entanto, o estancieiro manifesta: "*que não, que não! que a parada devia ser do dono do cavalo que ganhasse*".

A descrição da carreira é um relato animado, com abundância de comparações campeiras e expressões tipicamente gauchescas. O Negrinho, como num pressentimento do que acontecerá, invoca, enquanto gineteia o baio: "*Valha-me a Virgem madrinha, Nossa Senhora! Se o sete-léguas perde, o meu senhor me mata! Hip! hip! hip!*".

A incerteza a respeito do resultado se mantém até o final, pois "*os fletes corriam, compassados como numa colhera*". Chega então o inesperado desenlace, quando o cavalo do Negrinho se assenta de supetão, faz uma cara-volta e dá ao outro tempo para passar e ganhar. Segue uma disputa quanto à legitimidade do triunfo, resolvida pela sentença de "*um velho do tempo da guerra de Sepé-Tiaraiu, um juiz macanudo que já tinha visto muito mundo*", quem dá a vitória, sem hesitar, para o cavalo do rival do estancieiro. A cena culmina com um novo contraste entre a atitude deste, que, despeitado e furioso, atira as mil onças de ouro sobre o poncho do seu contrário estendido no chão, e o "*alegrão do pobrerio*", para quem o ganhador manda distribuir o prêmio obtido".

III) Primeiro castigo do Negrinho

Depois de sofrer, atado a um palanque, uma surra de relho, o Negrinho é levado ao alto de uma coxilha pelo estancieiro, quem lhe impõe um novo castigo: "*trinta quadras tinha a cancha da carreira que tu perdeste: trinta dias ficarás aqui pastoreando*".

minha tropilha de trinta tordilhos negros. . . O baio fica de piquete na soga e tu ficarás de estaca!.”

Solitário, abandonado na noite, o Negrinho chora e treme de medo perante as corujas que lhe olhavam *“com os olhos reluzentes, amarelos na escuridão”*. Mas *“de repente pensou na sua madrinha Nossa Senhora e sossegou e dormiu”*. Enquanto dorme, chegam as raposas e cortam a soga que sujeitava o baio; este, sentindo-se solto, sai ao galope e toda a tropilha atrás dele. *“E assim o Negrinho perdeu o pastoreio. E chorou.”*

IV) Segundo castigo; recurso a Nossa Senhora; achado e perda da tropilha

Por segunda vez, o Negrinho é amarrado pelos pulsos e recebe uma nova surra de relho. Depois, o estancieiro lhe ordena ir procurar a tropilha: *“Rengueando, chorando e gemendo, o Negrinho pensou na sua madrinha Nossa Senhora e foi ao oratório da casa, tomou o coto de vela aceso em frente da imagem e saiu para o campo”*. A ingênua, mas confiante iniciativa do menino obtém um surpreendente resultado, e SLN o descreve num fragmento de intensa poesia: *“por onde o Negrinho ia passando, a vela benta ia pingando cera no chão: e de cada pingo nascia uma nova luz, e já eram tantas que clareavam tudo”*. O insólito da situação é acompanhado pela própria natureza, que fica expectante na presença do sobrenatural: *“O gado ficou deitado, os touros não escarvaram a terra e as manadas xucras não dispararam . . . Quando os galos estavam cantando, como na véspera, os cavalos relincharam todos juntos. O Negrinho montou no baio e tocou por diante a tropilha”*. . . *“E assim o Negrinho achou o pastoreio. E se riu. Gemendo, gemendo, o Negrinho deitou-se encostado ao cupim e no mesmo instante apagaram-se as luzes todas; e sonhando com a Virgem, sua madrinha, o Negrinho dormiu”*.

Mas, se bem que a natureza se mostra agora favorável para ele, *“veio o menino, filho do estancieiro e enxotou os cavalos, que se dispersaram, disparando campo fora, retouçando e desguaritando-se nas canhadas”*. . . *“E assim o Negrinho perdeu o pastoreio. E chorou. . .”*

V) Terceiro castigo, sonhos do estancieiro e passagem do tempo

“O estancieiro mandou outra vez amarrar o Negrinho pelos pulsos, a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho. . .”

dar-lhe até ele não mais chorar, nem bulir, com as carnes recortadas, o sangue vivo escorrendo do corpo. . . O Negrinho chamou pela Virgem sua madrinha e Senhora Nossa, deu um suspiro triste, que chorou no ar como uma música e pareceu que morreu.”

O castigo se completa ordenando atirar o corpo do Negrinho num formigueiro, para que nada fique dele. Realizado isto, o estancieiro “*foi-se embora, sem olhar para trás.*” “*Nessa noite o estancieiro sonhou que ele era ele mesmo, mil vezes e que tinha mil filhos e mil negrinhos, mil cavalos baios e mil vezes mil onças de ouro. . . e que tudo isto cabia folgado dentro de um formigueiro pequeno. . .*”

Nem SLN nem os intérpretes do relato têm-se detido a examinar o possível significado do sonho do estancieiro. Arrisquemos uma interpretação dele. O sonho poderia interpretar-se como simples compensação inconsciente da atitude possessiva do estancieiro -a insistência no número “mil” parece estar relacionada com as mil onças de ouro perdidas na carreira-; mas, por outro lado, junto das coisas que ele tanto estimava -seu próprio ego, seu filho, seu cavalo baio, as onças de ouro- aparece inesperada e surpreendentemente no sonho a figura do Negrinho -que ele estimava tão pouco-, também multiplicada por mil. Neste sentido, se o sonho representar, como é habitual, uma compensação que o inconsciente faz de uma unilateralidade da consciência, ele está questionando, também, a atitude depreciativa do estancieiro em relação ao Negrinho, de cuja sepultura -o formigueiro- ele foi embora “*sem olhar para trás*”. Aquilo que sua consciência desprezou, volta agora, desde o inconsciente, multiplicado.

A possibilidade da nova interpretação pode ser corroborada por um detalhe que SLN acrescenta: tudo aquilo que o estancieiro tanto estimava “*cabia folgado dentro de um formigueiro pequeno. . .*” Esta imagem final do sonho parece sugerir que o verdadeiro “tesouro” não está nas coisas a que o estancieiro estava tão apegado, senão precisamente em algo e em alguém que ele desprezava: o Negrinho. Tudo se encontra no formigueiro pequeno onde ele jogou o corpo do menino. Lá onde o estancieiro achava que nada de valioso havia, estava o maior “tesouro”. Visto assim, o significado do sonho parece antecipar a “epifania” que acontecerá na cena seguinte.

VI) Visão do Negrinho, da Virgem Nossa Senhora e achado da tropilha

A 6ª. cena do relato inicia dizendo: *“Então o senhor foi ao formigueiro, para ver o que restava do corpo do escravo”*. Assim é introduzida a cena central, o clímax do relato, uma verdadeira “epifania”, no sentido joyceano do termo: *“Qual não foi o seu grande espanto, quando chegado perto, viu na boca do formigueiro o Negrinho de pé, com a pele lisa, perfeita, sacudindo de si as formigas que o cobriam ainda! . . . O Negrinho, de pé, e ali ao lado, o cavalo baio e ali junto, a tropilha dos trinta tordilhos. . . e fazendo-lhe frente, de guarda ao mesquinho, o estancieiro viu a madrinha dos que não a têm, viu a Virgem Nossa Senhora, tão serena, pousada na terra, mas mostrando que estava no céu... Quando tal viu, o senhor caiu de joelhos diante do escravo”*.

Acontece aqui uma verdadeira “peripécia”, no sentido que o termo tinha na tragédia grega; isto é, uma inversão no curso dos acontecimentos que modifica os dados da situação apresentada até o momento: *Quando tal viu, o senhor caiu de joelhos diante do escravo*”.

A respeito da relevante presença de Nossa Senhora no relato, assinala com precisão Flávio Loureiro Chaves: *“Lembremos a outra variante que Augusto Meyer encontrou e identificou como invenção própria e original de SLN n’O Negrinho do Pastoreio: o motivo de Nossa Senhora, madrinha dos que não a tem. Ora, não basta dizer-se que é uma criação simoniana, renovando o corpo da tradição. Bem analisada a estrutura da narrativa, percebe-se que este motivo, firmado cuidadosamente desde o princípio do relato e reiterado no seu desenvolvimento, é precisamente o elemento que o projeta além da horizontalidade “naturalista” na qual poderia ter permanecido”*. *“A figura da Virgem acompanha o Negrinho, ajuda-o a reencontrar a tropilha, preside a ressurreição do escravo diante do estancieiro, e, finalmente, ficamos sabendo ter sido ela ‘quem o remiu e salvou e deu-lhe uma tropilha, que ele conduz e pastoreia, sem ninguém ver’ . . . “A isto o narrador o denomina um milagre novo, situando-o como o eixo central da sua história, justamente a segunda variante que não existia antes da sua redação e agora passa a ser um dado fundamental. Interessa obviamente salientar a natureza religiosa deste arquétipo cristão, indicando que tal elemento também é ideológico; faz parte da ideologia de Simões Lopes Neto, católica e humanista, englobando as noções da remissão e da salvação, as mesmas que “resolvem” o conflito na Salamanca do Jarau e orientam o*

destino final de Blau Nunes". (*"Simões Lopes Neto: Regionalismo e Literatura"*, 1982, Mercado Aberto, págs. 174-175)

A autorizada opinião do intérprete confirma que a religiosidade presente no relato de SLN não é um elemento circunstancial ou acessório, senão que está intimamente associada ao significado global da narração e tem uma relevância especial quanto à sua estruturação. A intervenção de Nossa Senhora restaura a verdadeira hierarquia de valores comprometida pelo entorno social; sua aparição num momento chave do relato divide este num "antes" e um "depois". Antes, a cisão da urdidura social e dos personagens que nela habitam numa irremediável oposição. Depois, o conflito transcendido -não ignorado-, num nível mais elevado, no qual ele é superado pela radical mudança de atitude de uma das partes e pela elevação da outra a um plano transcendente que a torna imune às anteriores arbitrariedades: **"o senhor caiu de joelhos diante do escravo"**

Argumentar que este desfecho transcende a realidade histórica e pretender com isso desvalorizá-lo significaria ignorar o sentido e função do mito, tal como o expusemos na primeira parte. Não é a função dele, como já indicamos, descrever uma situação histórica determinada -a narração se situa desde o início num tempo que transcende o histórico- senão constituir-se numa "narração exemplar" que manifesta o sentido profundo de uma realidade e os valores e paradigmas que estão em jogo nela. Não pode negar-se que o relato do Negrinho do pastoreio é tão eficaz como denúncia de uma situação histórica de injustiça como poderia sê-lo uma narração de estilo mais "naturalista"; mas, ao mesmo tempo, transcende as limitações de tal estilo, apelando a um nível arquetípico no qual a peripécia adquire um significado universal e transmite uma mensagem de valor permanente.

Nas últimas cenas do relato, se modificará decisivamente o ritmo e o estilo da narração. Já não se trata tanto da apresentação de acontecimentos -isto foi realizado nas cenas anteriores, culminando com a cena da aparição de Nossa Senhora e a nova confrontação que inverte os papéis entre senhor e escravo-. Agora, a descrição se centra no significado mítico-religioso dos sucessos, mostrando a repercussão da lenda no próprio contexto social que lhe dera origem.

VII) Notícia da reaparição do Negrinho e sua função intercessora

A vizinhança ignora ainda os detalhes do acontecido; mas começa a difundir-se nela o rumor da reaparição do Negrinho: *“de todos os rumos do vento começaram a vir notícias de um caso que parecia um milagre novo. . . todos davam notícia -da mesma hora- de ter visto passar, como levada em pastoreio, uma tropilha de tordilhos, tocada por um Negrinho, gineteando de em pêlo, em um cavalo baixo!. . .”* *“Daí por diante, quando qualquer cristão perdia uma cousa, o Negrinho campeava e achava, mas só entregava a quem acendesse uma vela, cuja luz ele levava para pagar a do altar da sua madrinha, a Virgem Nossa Senhora, que o remiu e salvou e deu-lhe uma tropilha, que ele conduz e pastoreia, sem ninguém ver”*.

A função intercessora que começa a atribuir-se ao Negrinho é a correspondência, a nível humano e social, da intercessão que Maria realiza por ele. Por isso se expressa na **fundação de um rito**: a oferta da vela a Nossa Senhora. Por um lado, o rito revive um momento crucial do relato mítico; por outro, mantém viva sua mensagem de esperança. A continuidade do ritual no povo é uma manifestação da gratidão permanentemente re-atualizada pelos benefícios outorgados ao Negrinho por Maria, já que Ela *“o remiu e salvou e deu-lhe uma tropilha, que ele conduz e pastoreia, sem ninguém ver”*. Nesta graça outorgadas ao Negrinho manifesta-se o sentido de libertação e re-estabelecimento da dignidade humana e social que a Virgem lhe confere; e a restauração de valores que o mito propicia. Maria não só o remiu e salvou, senão que lhe concedeu essa tropilha que ele continuamente conduz e pastoreia, com o qual, o trabalho que antes era realizado em submissão a uma arbitrariedade alheia, agora é vivido como manifestação de liberdade e alegria, ao mesmo tempo em que envolve um reconhecimento social, pois no contexto em que o Negrinho vive, ser tropeiro é uma atividade valorizada que confere identidade e dignidade cultural.

VIII) Repetição cíclica da desapareção e reaparição do Negrinho

Concluída a evocação dos acontecimentos, só resta ao narrador consignar a perdurabilidade do mito e a difusão do rito que o atualiza e celebra. A isto estão consagrados os dois últimos

momentos do relato, os mais breves de todos, que re-inserem o mito no contexto sócio-histórico em que surgiu e o projetam no presente e no futuro. Esta mudança no ritmo narrativo incide também no estrato lingüístico, já que, em lugar dos tempos verbais em passado usados até o momento e exigidos pelo gênero narrativo, comparecem agora os verbos no presente; no “eterno presente” próprio da renovação cíclica e periódica dos acontecimentos fundacionais: *“Todos os anos, durante três dias, o Negrinho desaparece: está metido em algum formigueiro grande, fazendo visita às formigas, suas amigas; a sua tropilha esparrama-se; e um aqui, outro por lá, os seus cavalos retouçam nas manadas das estâncias. Mas ao nascer do sol do terceiro dia, o baio relincha perto do seu ginete; o Negrinho monta-o e vai fazer a sua recolhida; é quando nas estâncias acontece a disparada das cavahadas e a gente olha, olha, e não vê ninguém, nem na ponta nem na culatra”*. Reconhecem-se neste fragmento todos os rasgos típicos do relato mítico: a repetição periódica da “história exemplar”; a reconciliação do homem com a natureza (o Negrinho “visita às formigas, suas amigas”); a misteriosa presença, nos sucessos cotidianos, de forças invisíveis que os penetram (“é quando nas estâncias acontece a disparada das cavahadas, e a gente olha, olha, e não vê ninguém”); a alternância de provações e triunfo; em fim, a passagem da morte para a nova vida (“ao nascer do sol do terceiro dia, o baio relincha perto do seu ginete; o Negrinho monta-o e vai fazer a sua recolhida”).

O relato mítico é penetrado aqui silenciosa e capilarmente, desde suas raízes, por um outro nível que o sustenta e o transcende: o arquétipo cristão da morte e ressurreição de Cristo. Com efeito, o Negrinho desaparece, **por três dias, no seio da terra**, visitando **os mundos inferiores; ressurgue no terceiro dia**, acompanhado por um rito ao mesmo tempo cosmogônico e telúrico: **o nascer do sol** e o baio que relincha. Reorganiza-se **o cosmos**, superando a dispersão **do caos**: o Negrinho monta seu cavalo e vai fazer sua recorrida, recolhendo a tropilha que se tinha dispersado nas manadas das estâncias.

Não é o caso de perguntar aqui se a emergência do simbolismo pascal dentro do mito rio-grandense responde ou não a uma intenção explícita de SLN. Tal questionamento significaria ignorar que as imagens arquetípicas possuem autonomia própria e não necessitam do consentimento explícito da consciência para manifestar-se. Mais importante do que interrogar-se sobre a origem desta manifestação, é constatar, simplesmente, sua presença no relato simoniano; tanto mais que, como já foi dito, não se trata de

um motivo imposto pela estrutura tradicional da lenda, senão de uma das inovações -sem dúvida a mais significativa- que nela introduziu SLN.

IX) Se espalha a lenda. Presença do Negrinho nos campos e intercessão

O último momento do relato reúne, em apertada síntese, os dois aspectos que temos percebido em forma constante no desenvolvimento da narração: o específico cunho rio-grandense do mito e a sua dimensão religiosa. Por um lado, a descrição que se faz da movimentada presença do Negrinho nos campos, tem uma significativa analogia com a apresentação que SLN faz da figura de Blau Nunes na introdução dos “Contos gauchescos”. Lá, como aqui, as andanças do personagem pela geografia da região, o identificam com o *habitat* nativo e o convertem numa personificação do gaúcho: “Desde então, e ainda hoje, conduzindo seu pastoreio, o Negrinho, sarado e risonho, cruza os campos, corta os macegais, bandeia as restingas, desponta os banhados, vara os arroios, sobe as coxilhas e desce às canhadas”. Lá, como aqui, a enumeração prazerosa de lugares e rincões nativos testemunha a íntima comunhão com a terra, assim como a soberania que o homem está chamado a exercer sobre ela, em realização da consigna bíblica: “dominarás a terra”; infundindo assim, no que seria mera natureza, a presença do humano e o sopro do espírito.

Por outro lado, a emergência da sensibilidade religiosa aparece, aqui como lá, associada à figura da Virgem Maria. Dizia, entre outras coisas, Blau Nunes naquela introdução: “...corri pelas paragens magníficas de Tupaceretã, o nome doce, que no lábio ingênuo dos caboclos quer dizer **os campos onde repousou a mãe de Deus...**”. Esclarecendo o sentido desta passagem, anota o Glossário da edição já citada dos “Contos Gauchescos e Lendas do Sul” na Editora Globo: “TUPACERETÃ, s. m. Município em cuja parte oriental, entre os arroios Caixa-d’Água e Caneleira, fica a cidade do mesmo nome. Teodoro Sampaio em seu “O Tupi na Geografia Nacional”, consigna: *Tupanceretã: ‘a terra da mãe de Deus, o patrimônio de Nossa Senhora’*”. A semelhança entre estes pormenores topográficos e a apresentação de Nossa Senhora na cena da confrontação do estancieiro e o Negrinho, chama também a atenção: “. . . viu na boca do formigueiro o Negrinho de pé . . . e fazendo-lhe frente, de guarda ao mesquinho, o estancieiro

*viu à madrinha dos que não a têm, viu à Virgem, Nossa Senhora, tão serena, **pousada na terra, mas mostrando que estava no céu.***”

O último parágrafo sintetiza o sentido do mito e sua sequência de **perda, procura e achado**, abrindo-o, aliás, para um significado que transcende a própria fábula. Já ratificada a vigência e operatividade da lenda, a narração encerra-se com um final aberto, pois o mito atingiu, agora, o nível de “lenda cultural”: “*Quem perder suas prendas no campo, **guarde esperança: junto de algum moirão o sob os ramos das árvores, acenda uma vela para o Negrinho do pastoreio e vá lhe dizendo: -Foi por aí que eu perdi. . . foi por aí que eu perdi. . .***” “*Se ele não achar. . . ninguém mais.*” O ritual confere perdurabilidade ao mito e este adquire, agora, um sentido salvífico, intercessor, para aqueles mesmos em cujo habitat nasceu.

Conclusão: sentido global e mensagem da lenda

Concluída nossa leitura do relato, cabe perguntar-nos pelas razões que conferem vigência cultural ao mito e poder de apelação estética à sua configuração literária na versão de SLN.

Em primeiro lugar, cabe assinalar que **a lenda constitui um testemunho e uma clara denúncia dos sofrimentos impostos a gerações de seres humanos pelo sistema de dominação escravista**. O relato não atinge esse alvo através de um enfoque historicista ou de um mero posicionamento ideológico, senão encarnando num ser humano concreto, inventado mas representativo -o Negrinho- o destino de tantos seres sacrificados pela escravidão.

O núcleo semântico que emerge do relato poderia sintetizar-se em torno aos três itens já mencionados: **perda, procura, achado**. Mas, de quê perda se trata? Para além do significado óbvio e concreto presente na tradição -a recuperação de objetos perdidos- a perspectiva mítica do relato, sua evidente dimensão religiosa e a própria configuração verbal da narração em SLN, sugerem outros significados: “*Quem perder suas prendas no campo, **guarde esperança***”. “*Quem perder. . . guarde esperança...*”: não sintetiza esta simples frase o sentido todo do mito e da sua realização artística?.

Poderíamos perguntar-nos ainda: de que **procura** se trata? Por um lado, o mito resgata um fragmento perdido ou ameaçado de perda -por esquecimento, repressão ou insensibilidade- de nossa história, trazendo-o à tona para a consciência e a sensibilidade do gaúcho e do brasileiro. Desta forma, fornece um elemento

indispensável à configuração de nossa identidade. Por outro, na inadiável procura de um sentido último, totalizador e fundante da existência -inerente a todo ser humano- o mito parece assinalar que este sentido não pode ser atingido sem uma abertura para uma dimensão transcendente. Assim como o Negrinho encontrou sua identidade, esperança e redenção na Virgem Nossa Senhora, madrinha dos que não a têm, assim, '*quem perder. . . guarde esperança*': A expressão se transcende a si mesma e ao contexto na qual surge para adquirir um sentido de realização definitiva, quase escatológico. Não estaremos deparando-nos aqui com outra chave para interpretar a perduração da lenda, seu evidente poder de apelação e sua contribuição para a definição do "ethos" gaúcho?

Quando se ressaltam a coragem, a bravura, a honestidade, a lealdade e outras características semelhantes como traços definitórios do gaúcho –como o próprio SLN o faz em tantos relatos seus-, não se comete uma omissão ao não relacionar estes valores com sua raiz cristã? A manuseada imagem do "centauro das pampas", não está omitindo, 'paganizando' e tornando alheia às nossas raízes históricas e culturais a verdadeira identidade gaúcha? Pode entender-se a alma e a história do homem destes pagos sem uma referência à sua dimensão religiosa? Na própria literatura de SLN, não é esta a dimensão que comparece em momentos cruciais da existência de muitos personagens seus que encarnam essa mesma identidade gaúcha?

Acho que só uma resposta positiva a estas interrogações faria justiça à nossa verdade antropológica, cultural e espiritual. Neste sentido, o mito do Negrinho do pastoreio e sua encarnação artística no relato de Simões Lopes Neto possui um valor de revelação que não pode deixar-se de lado na hora de caracterizar nossa mais autêntica fisionomia.

Abstract: Religious meaning and Southern Brazilian identity in the legend of "Negrinho do Pastoreio", by Simões Lopes Neto. Personal, historical and archetypal motivations in the literary re-creation of the legend by SLN. The myth and innovation introduced by the autor. The motive of Our Lady. Report analysis: narrative structure and verbal configuration. Conclusion: loss and hope. The religious meaning of the report, the search for the meaning of life and Southern Brazilian identity.
Keywords: Myth, legend and literature. Slavery. Our Lady. Religious meaning of existence. Southern Brazilian identity.
